

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Coelho, Pedro

Cosmologia da existência

<http://hdl.handle.net/11067/6894>

<https://doi.org/10.34628/V5T2-9R23>

Metadados

Data de Publicação

2023

Tipo

bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-19T16:24:21Z com
informação proveniente do Repositório

COSMOLOGIA DA EXISTÊNCIA

Pedro Coelho

DOI: <https://doi.org/10.34628/V5T2-9R23>



O Cosmos como totalidade de todas as coisas deste Universo ordenado é visto por Carl Sagan como “tudo o que existiu, existe ou existirá”, “o que o olhar humano alcança e, mais longe ainda, o que a mente humana alcança” e sendo a cosmologia a procura desse santo Gral, de onde vimos, qual é a nossa história e quais as evidências de um propósito para esta coincidência que é a vida e estar vivo, é também ela, a chama perene da fé dos homens.

E é nesta ligação entre a coincidência, que nos torna únicos e a nossa irrelevância cósmica, que reside a beleza que balança entre o acaso e o propósito.

Somos feitos da matéria das estrelas, cada átomo e cada molécula de todos os seres vivos tem origem nas longínquas estrelas do universo, e em 100 milhões de galáxias não existirá um ser vivo igual a outro, mas esta ilusão antropocêntrica, deve ser relativizada na imensidão do cosmos e não encarada como isolada e espiritualmente inconsequente, não estamos no centro do Universo, somos nós que orbitamos o Sol e a influência gravítica dos nossos animais junto de nós é maior do que a de

qualquer constelação, e mesmo assim, sentados neste calhau cósmico sem um significado aparente, temos a força e procuramos a sabedoria para entender a sua Beleza.

Esta beleza, que para uns se escreve com “B” em Caps Lock e que para outros é subjetiva deve ser sempre questionada e arbitrada pela maior das virtudes humanas, a tolerância, contudo esta virtude é em si um paradoxo, mais um, é que a tolerância ilimitada pode levar ao desaparecimento da própria tolerância, e é neste dilema, num mundo cada vez mais polarizado, que o homem deve voltar a olhar para o céu e aproximar-se desta ordem universal que é o cosmos; e sentir que entre o acaso e o propósito o nosso desenvolvimento tem sempre como princípios a complexidade e a tolerância, cabe ao homem aceitar, a sua e a dos outros, pluralidade singular.